

# Escutas psicanalíticas para o desamparo e vulnerabilidades

CYNTHIA PEITER\*  
MARIA LUIZA A. M. GHIRARDI\*\*

---

**RESUMO:** Condições de vulnerabilidade psíquica nos falam de problemáticas narcísicas ligadas a falhas nos cuidados ambientais mais fundamentais e irão demandar outros tipos de escuta e de intervenção do psicanalista. As autoras discorrem sobre estas peculiaridades da clínica contemporânea lançando mão de vinhetas clínicas elucidativas desta prática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adoção. Vulnerabilidades. Narcisismo. Técnica psicanalítica. Técnica de interpretação de crianças.

## **Psychoanalytic listening for psychic vulnerabilities**

**ABSTRACT:** Conditions of psychic vulnerability convey narcissistic problems related to failure in the most fundamental environmental care and will demand other types of listening and intervention by the psychoanalyst. The authors reflect upon these contemporary clinical peculiarities using excerpts of clinical cases that clarify this practice.

**KEYWORDS:** Adoption, Vulnerabilities, Narcissism, Psychoanalytic technique, Child interpretation technique.

De que se trata, quando afirmamos estarmos diante de uma clínica psicanalítica contemporânea? Seria o aparecimento de novos casos? Uma psicopatologia contemporânea? Ao visitarmos a história da Psicanálise, encontramos uma trajetória marcada pela incrível capacidade de Freud de desenvolver modelos teóricos a partir daquilo que encontrava em sua clínica. Hipóteses teóricas, constantemente postas à prova a partir de acontecimentos clínicos validados pelos contextos sociais e culturais de sua época. De certo ponto de vista, a clínica psicanalítica de Freud já trazia em seu âmago sementes do contemporâneo, considerando sua forma de pensar inovadora e transformadora, mas, sobretudo, no modo de escutar pacientes que não encontravam compreensão para seus sofrimentos dentro dos moldes epistemológicos do campo da medicina.

---

\* Psicanalista; Membro Associado da SBPSP; Membro do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; Mestre pela USP; Membro do Grupo Acesso.

\*\* Psicanalista, Membro Filiado do Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da SBPSP; Membro do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; Mestre pela USP; Membro fundador do Grupo Acesso – Estudos, Intervenção e Pesquisa do ISS-SP.

A Psicanálise, em seus primórdios, surge em auxílio às tentativas frustradas de abarcar o sofrimento das histéricas, e sua primeira metapsicologia está voltada para aqueles casos chamados neuróticos. No entanto, com o advento da Primeira Guerra Mundial, Freud vai se dando conta de uma mudança substancial na forma do sofrimento vivido por seus pacientes, sofrimento este, profundamente marcado pelas experiências traumáticas da guerra e do pós-guerra. Por volta dessa época, em 1920, ocorre uma grande virada no corpo teórico-clínico da Psicanálise, fruto dessas observações, levantando a questão da analisabilidade. De acordo com Green, o pensamento clínico contemporâneo nasce da necessidade de haver uma nova conceitualização do enquadre e da redefinição do conceito de analisabilidade, constituindo, portanto, uma nova lógica do par analíticos. (Green, 1988).

Muitas têm sido as Escolas e os analistas que, mobilizados pela necessidade de compreender certas expressões de sofrimentos encontrados em suas clínicas na contemporaneidade - como as adições, as compulsões, as passagens ao ato, anorexias, somatizações, entre outros - propõem uma modificação na Escuta desses pacientes para o alcance de novas modalidades de compreensões e intervenções. Nessa clínica chamada de contemporânea, não é o limite apresentado pelo paciente o aspecto limitador para a sua análise, mas a Escuta é que se amplia o suficiente para abarcar novas compreensões para novas formas de sofrimento. Com isso, não apenas surge um corpo teórico-clínico inovador, como as questões da técnica são recolocadas em cena, visto que um número significativo de casos não respondem bem às condições colocadas pelo *setting* clássico.

Revistas as condições do *setting* analítico, o espaço clínico é redesenhado, buscando uma flexibilização não apenas no que envolve as condições internas da prática clínica no consultório porém, ultrapassando-as, levando a psicanálise para fora dos limites dos espaços dos consultórios. Muitas pesquisas em psicanálise, assim como intervenções extramuros, situam e conduzem o método psicanalítico para captar seu objeto em lugares antes impensáveis, como os espaços das instituições, dos hospitais, do coletivo, e até mesmo os espaços públicos da rua<sup>1</sup>.

Trabalhos de analistas contemporâneos, como René Roussillon e André Green, desenvolvidos a partir do sofrimento ligado aos aspectos não constituídos do Eu (Roussillon, 2012) e as dificuldades encontradas com os chamados casos limites (Green, 1988), vêm propiciando novas composições e novas formas de escuta clínica para situações de desamparo e vulnerabilidades. Nesse contexto, aqueles que trabalham com situações frequentemente extremas; como as crianças precocemente separadas de seus pais, as que se encontram em situações de abrigo, ou as adoções caracterizadas por vivências de rupturas de caráter traumáticas; vão encontrando no referencial teórico-clínico da Psicanálise Contemporânea subsídios para as necessárias compreensões e intervenções clínicas desse sofrimento singular específico. Dentro desta perspectiva clínica, surgem

---

<sup>1</sup> Por este motivo, as questões sobre o enquadre tem sido estudadas revendo origens e significados de seus fundamentos em uma perspectiva da psicanálise contemporânea (Green (2002), Roussillon (2006), Bleger (1977) e outros).

novas soluções aos impasses com respeito à problemática entre as teorias das relações de objeto e as teorias pulsionais, que vem articular o par pulsão-objeto como elementos essencialmente imbricados.

Essa clínica, que valoriza a presença do objeto e, concomitantemente, os efeitos relativos a suas falhas, será elemento fundamental na constituição psíquica do *infans*. Winnicott (2002/1956) já havia nos alertado para o que chamava “tendência anti-social”, afirmando que diante da falha do objeto, o ambiente mais amplo será compelido a retroceder para a posição em que as coisas deram errado, de modo que o indivíduo irá solicitar do ambiente um tipo de “moldura cada vez mais ampla, um círculo que teve como seu primeiro exemplo os braços da mãe ou o corpo da mãe”. É possível discernir uma série o corpo da mãe, os braços da mãe, a relação parental, o lar, a família, a escola, a localidade com suas delegacias policiais, o país com suas leis” (Winnicott, 1966, p. 141). E nestes casos, conforme o autor inglês, é tarefa do terapeuta envolver-se com a pulsão inconsciente do paciente, e o trabalho é realizado pelo terapeuta em termos de administrar, tolerar e compreender” (Winnicott, 1956, p.139). É uma clínica que traz em seu bojo, a concepção de um analista mais flexível, acolhedor e também por vezes, mais ativo, preservando, no entanto, um rigor na extensão e nos fundamentos das modificações técnicas.

A Escuta das situações de desamparo remete às experiências da ordem do arcaico, tendo em vista que a vivência do desamparo é constitutiva do humano, gerando vulnerabilidades. Como nos diz Green (1987, p.17): “ascultar alguém tornou o analista contemporâneo mais sensível para captar conflitos carregados de potencial arcaico”, inobservados antes. Seguindo a mesma linha de pensamento, Minerbo (2012) também afirma que

escutar a criança-no-adulto – o infantil – me parece ser a condição básica para se conseguir uma postura analítica”, sublinhando a necessidade de dirigirmos nossos olhares para a criança-no-adulto e como estes importantes elementos se atualizam na situação analítica viva, protagonizada por analista e paciente. (Minerbo, 2012, p. 42).

Assim, vemos surgir os pilares de uma nova metapsicologia da presença e da intersubjetividade; dos processos de transformação psíquica e da simbolização, assim como dos variados aspectos da clínica do sofrimento narcísico identitário (Minerbo, 2012).

Na primeira metapsicologia (Roussillon, 1999), estávamos diante do modelo do trauma como excesso de prazer e cuja ameaça ocorre de dentro para fora e ligada ao transbordamento pulsional. Nesse primeiro modelo, diante da ameaça de desorganização do psiquismo, a defesa mobilizada é o recalque contra esse excesso. Ocorrerá apenas num segundo tempo, o reinvestimento dos traços mnésicos da primeira situação traumática. Essa é a dinâmica das neuroses.

Na segunda metapsicologia do trauma, Roussillon (1999) considera que está em jogo a satisfação das necessidades do Eu, e essas necessidades não se dão por meio do modelo freudiano de *apoio*. Aqui se coloca a importância do objeto intervindo junto ao bebê, protegendo-o contra as excitações externas excessi-

vas. Sua ausência propicia o rompimento dessa necessária proteção, tornando essas excitações traumáticas. Portanto, o traumático irá se constituir como aquelas experiências que excedem a capacidade de ligação primária, quando as funções do objeto primário se revelaram insuficientes no estabelecimento do que Roussillon denomina simbolização primária. O trabalho clínico irá se constituir então, em ajudar neste processo, ou seja, no estabelecimento de condições para que o processo de simbolização primária possa advir. Diz Roussillon (1999, p.11): “A experiência emocional de agonia insuficientemente simbolizada em nível primário ficará clivada; é a história não subjetivada que irá retornar de forma alucinatória assombrando o presente”. Assombrando sob a égide da compulsão à repetição, como uma espécie de compulsão à simbolização, termo cunhado por Roussillon, para elucidar como o sujeito repete partes de sua história emocional subtraídas ao processo de subjetivação. Sofrimento em relação àquilo que não pode ser pensado, representado, metabolizado, e que retornam na clínica na forma de uma reencenação da dramaturgia pessoal, não simbolizada (Roussillon, 1999).

Estudos mais recentes feitos por psicanalistas de Lyon, como R. Roussillon (2019), Anne Brun (2013) e Claudine Vacheret (2008) abrem novas perspectivas de intervenção clínica com pacientes que apresentam déficits simbólicos, e descrevem possibilidades de utilização de objetos intermediários ou mediadores, como estratégias clínicas, diante do sofrimento narcísico. Assim, o uso de fotografias, desenhos, filmes e outros, podem ajudar a esses pacientes pouco verbais, a empreenderem um caminho via simbolização. Da mesma forma, em nossa experiência com as situações de adoção, constatamos por meio de alguns dispositivos utilizados com grupos de adotantes ou com profissionais técnicos do judiciário, que o modelo do Cinema e Adoção (Ghirardi, Peiter, 2018), assim como a construção do álbum de fotografias ou outros, podem se configurar como recursos transicionais, nos moldes como descreve Winnicott (1975/1971). Esses objetos intermediários podem ser muito úteis para a aquisição do pensamento metafórico, facilitando a criação de narrativas, propiciando processos de simbolização e possibilitando a ampliação dos níveis de elaboração psíquica. Certos pacientes cuja verbalização carece de elementos de nomeação, e a narração ainda está por ser construída, os objetos mediadores podem se constituir em um importante valor clínico. Brun (2014) trabalha com adolescentes em grupo terapêutico de escrita, enquanto Vacheret (2008) utiliza a técnica da fotolinguagem como objeto mediador para o acesso ao pensamento metafórico. Em nossa experiência com a adoção de crianças e seus processos, o cinema se constituiu em um eficaz elemento mediador para o trabalho com grupos de adotantes e pais adotivos ou até mesmo profissionais da área do jurídico, possibilitando reflexões para as variadas expressões de sofrimento, que, no dizer de alguns dos componentes do grupo, não poderiam se expressar de outro modo.

Apresentaremos a seguir duas vinhetas clínicas de atendimentos de crianças e de uma adolescente adotivas para ilustrar atendimentos clínicos possíveis

na busca de ampliações de possibilidades simbólicas.

1. Alice e Clarice<sup>2</sup>, de sete e cinco anos, estão em acolhimento institucional há dois anos. O pai biológico havia sido destituído no momento do acolhimento, mas a mãe e a avó materna, apesar de não apresentarem condições de manter a guarda das crianças, lutaram pelas meninas durante bastante tempo, em um processo judicial de destituição de poder familiar difícil e doloroso para todos. Este é o momento em que chegam para atendimento, pois estão às voltas com a colocação em família adotiva.

Ambas meninas, muito vivas e alegres, chegam querendo explorar absolutamente todo o espaço do meu consultório. Absolutamente todo! Querem ultrapassar os limites do *setting*, pegar tudo o que veem pela frente, abrir portas de armários, livros, etc., bombardeavam a analista com um excesso de perguntas. *“Tia, tinha alguém aqui antes? Tia você mora aqui? Posso levar isso? Porque sua sapatilha é vermelha? Você nos viu lá fora, na rua, quando a gente tava chegando? Quem estava aqui antes? Quem deitou nesse divã? Quem tomou a água que completava a garrafa?”*. Um fluxo ininterrupto de perguntas sem resposta, pois não havia pausa suficiente para sequer tentar respondê-las e, curiosamente, elas mesmas não pareciam esperar uma resposta. Há uma demanda transbordante de informações, e porque não dizer, de significações. Diante de demandas excessivas que não permitem tempo e nem espaço para processamento psíquico, a analista se percebe sendo muitas vezes obrigada a reagir primeiro – agir e somente depois, pensar.

As perguntas podiam variar, mas aos poucos um refrão pode ser ouvido, um refrão bastante significativo sobre o que deve se passar com estas meninas. São questões muito cruciais sobre o destino do objeto, quando de seu afastamento ou desaparecimento - estamos lidamos com movimentos de presença e ausência dos objetos significativos. O que ocorre com o objeto quando se afasta? Para onde teria ido meu pai, minha mãe, minha avó e tantas pessoas que passaram por nós e desapareceram? Estariam elas ainda pensando na gente? Com quem estariam agora? Perguntas incessantes que estas meninas retomam compulsivamente, justamente por não terem desenvolvido recursos psíquicos de criar representações que substituam as ausências objetais.

Conforme nos ensina Roussillon (2012), falamos de ações compulsivas que nos contam uma história, falam de experiências que precisam ser comunicadas e seu sentido requer a interpretação do outro. Na ausência da interpretação do outro, tais experiências tornam-se evacuações insignificantes. E assim, nos trazem a importância da presença do outro no tipo de resposta que vem a oferecer. Estes atos dessimbolizantes são, para o autor, mensagens endereçadas ao outro e seu sentido requer a interpretação do outro. Talvez estejamos diante de modos de presenças e ausências objetais que não permitiram o estabelecimento deste

---

<sup>2</sup> A inusitada opção por receber as duas meninas juntas, se insere em uma prática específica da preparação de crianças para adoção, descrita e discutida mais amplamente em Peiter, C. 2017 e Peiter, C, 2011.

tipo de elaboração tão sofisticada. Falamos de teorias que discorrem sobre problemáticas ligadas a dificuldades representativas diante de ausências objetais, como já referira Green (1988) ao estudar estes quadros nos quais as modulações entre presença e ausência objetiva trazem consequências na capacidade representativa do pequeno sujeito.

De fato, as falas destas meninas não são ainda um diálogo, mas talvez um movimento de excorporação de angústias não contidas e não representadas, que são expulsas do psiquismo. Parecem esperar por um objeto que possa ocupar-se do Eu da criança, descarregando-a de angústias ou daquilo que pode ser excessivamente desagradável (Green, 1988).

Logo descobrem o tanque com água dando início a uma brincadeira na qual um barquinho de papel vira um banhista que está sendo carregado pelo fluxo de água e surge um salva vidas. Ótima metáfora! Entretanto, tudo transcorre tão rapidamente, e a brincadeira logo se transforma em uma experiência de observação que busca investigar de onde vem e para onde vai o fluxo da água que sai da torneira. Logo surgem pesquisas muito excitadas com o abre e fecha da torneira e tentativas de represar a água tapando o ralo. Tudo muito interessante para o conhecimento psicanalítico... mas também muito rápido. As sessões se passam como flashes, como sobreposições de imagens que rapidamente se esvaem e, embora muito elucidativas, perdem-se em meio a uma grande excitação. A experiência contratransferencial aponta para a angústia de uma criança que pode haver sido investida libidinalmente, mas que precisa lidar com o desaparecimento de seu objeto de interesse, sem que tivesse tempo de curti-lo suficientemente, e muito rapidamente se esvai sem sabermos para onde foi e nem mesmo se haverá retorno.

Represamentos de água me parecem movimentos bastante representativos sobre o modo de funcionamento destas meninas que vivem estas torrentes de impulsividade e de pouco, ou nenhum controle. Parecem momentos valiosos para intervenções interpretativas, entretanto, as palavras não parecem ter muito espaço nestes momentos. A intervenção consistia no acompanhamento das meninas em seus esforços de manter a água represada no tanque, respondendo à demanda através da brincadeira acompanhada de narrativas verbais sobre as angústias observadas na brincadeira.

Mas em seguida surge a necessidade de mais personagens “banhistas”. Exclamam excitadas “*essa sou eu, essa sou eu!*”, e assim disputam quem será a tal personagem. As duas querem ser a protagonista da história, entretanto há somente um objeto representando a banhista. Isso as leva a procurar por outros brinquedos pela sala. Caso fossem adultos, talvez buscássemos por imagens, cenas, histórias que pudessem dar forma e significado ao que precisa ser simbolizado.

Em um impulso impensado a analista abre seu armário, onde há outros brinquedos que podem atender a esta demanda. Elas ficam absolutamente encantadas com uma nova caixa cheia de pequenos brinquedos que, receosamente, a

analista lhes apresenta. O referido receio dizia respeito ao temor que um excesso de estímulos pudesse ser exageradamente excitante em um cenário de tantas excitações não contidas. Entretanto, curiosamente, esta novidade provoca nova dinâmica nas sessões. As meninas começam a ocupar-se de brincadeiras individuais. E dão início a curiosas montagens narrativas, individuais - montam duas narrativas distintas, em espaços diferentes, cada uma em um canto da sala, e com objetos que elas mesmas selecionaram desta caixa maior. Parece que dedicar-se a narrativas próprias, lhes traz conforto e tranquilidade, abandonando neste momento aqueles modos de funcionar, de líquidos que escorrem, transbordamentos e rápidos flashes. Creio que a inusitada introdução dos novos elementos teve importante papel, como novos suportes de figurabilidade à dramaturgia individual de cada uma delas.

Neste momento de nosso trabalho se delineiam duas narrativas que ocorrem paralelamente. Clarice está às voltas com um mundo de pequenos e grandes animais, com os quais inicia classificações. “*Os maiores estão lá para proteger os menores*”, diz ela. Destas classificações iniciais, ela muda para pequenas “brinquinhas” entre os animais, que terminam quando surge um maior e os faz parar de brigar, resolvendo uma situação conflitiva. Assim, Clarice traz a necessidade da existência de um elemento protetor, que possa vir em salvamento das turbulências que podem ocorrer entre os pequenos. Alice tem se dedicado a montar casinhas, com móveis, camas e outros objetos de uma casa. Diz, “*aqui estão as camas, aqui está mamãe, o papai, a filha, a outra filha...*”. Com frequência ela inclui a figura de uma professora. A professora surge na mediação de conflitos. Vou compreendendo que há a inclusão de um elemento – o adulto - que parece funcionar na proteção das turbulências vividas pelos personagens da casinha. Após esta intensa exploração de personagens, seus afetos e suas funções de cuidado e proteção, surgem novas possibilidades de trânsito sobre suas relações com seus objetos significativos.

A partir de um desenho de Clarice, um esboço de desenho de uma família, temos oportunidade enfim de importante diálogo sobre suas histórias: São duas crianças, um homem e uma mulher e há nomes escritos embaixo. Leio os nomes e comento: “*Seus pais se chamam Mário e Eliana?*”. Elas ficam confusas, dizem sim e não. Tentam me explicar: “é que tem a Eliana e a Eliane. Eliane é mãe de mentirinha!”. Intrigada, peço esclarecimentos, dizendo que fiquei confusa. Entendo que havia uma educadora do abrigo com nome parecido com o nome da mãe biológica. Observo certa confusão entre quem é pai, quem é mãe, o que é “de mentirinha” ou não. Fico a imaginar como estes personagens podem estar um tanto confusos também para elas. (...) Alice já traz outras observações. “*A Eliana (mãe biológica) está arrumando as coisas pra vir nos buscar*”, me conta, ainda na conversa sobre o desenho. A avó, também “*disse que ia voltar para nos levar para morar com ela*”, diz ela (Peiter, 2017).

Diante destas falas soltas, que deixam dúvidas entre realidade e fantasia, a analista aponta-lhes a vontade e talvez o sonho de ter estes familiares por perto.

E neste momento, toma a liberdade de adicionar algo de sua imaginação: “*imagino como seus pais também deveriam ter esta vontade, e talvez por isso viessem visitá-las eventualmente lá no abrigo*”. Faz-se necessário que se introduza algumas explicações minimamente compreensíveis sobre estas circunstâncias tão comovedoras e de tão difícil compreensão. Digo-lhes que, pelas informações que eu recebera, seus pais não tinham onde morar, e que as crianças precisam ter uma casa. Acrescento que este era um motivo pelo qual, por mais que quisessem, não poderiam de fato levá-las de volta. A mais velha então confirma dizendo: “*Isso mesmo, elas não podem mais vir*”. A analista acrescenta, então, que é por isso que o juiz está pensando em uma adoção para elas e está procurando uma família capaz de prover o que necessitam. Tem início então uma conversa sobre adoção, sobre os destinos de seus objetos originários, enfim sobre seus vínculos significativos e suas idas e vindas, de modo a buscar trazer respostas e sentidos àquilo que permanecia não representado e se manifestava em atos transbordantes e dessimbolizantes.

Tal estratégia clínica talvez se distancie de propostas tradicionais de neutralidade do analista. Esta situação clínica apresenta uma perspectiva de trabalho que encontra ressonâncias no pensamento de Green (1988), quando nos fala da utilização da vida imaginativa do analista, para emprestar imagens e significações ao não representado. Este autor destaca a necessidade de um trabalho sobre o processo de fazer internalizações e não um trabalho sobre o que já está internalizado – um rodeio pelo outro em sua capacidade afetiva e empática e nas funções de continência psíquica que, nestas circunstâncias implicam na utilização de suas funções psíquicas. Os processos internos do analista têm por objetivo, nestas circunstâncias, a construção da simbolização. Quando a análise impele o analista a fazer grandes esforços que o levam a formar uma imagem em sua mente do funcionamento mental do paciente, ele supre o que está faltando a esse. Deste ponto de vista, o analista não somente revela um significado oculto, mas constrói um significado ao lado do paciente (Green, 1988).

\*\*\*\*\*

2. Após três anos seguidos de intensos conflitos, agressões mútuas e violência na família, a adolescente de 15 anos, sai de casa e procura a promotoria pública dizendo desejar o abrigo. Essa decisão gerou nos pais uma ferida narcísica de grandes proporções, desencadeando neles muita raiva e rejeição. Recebo o caso por indicação do advogado dos pais, uma vez que a adolescente, adotada aos 5 anos de idade, vinha vivendo uma relação demasiadamente conflituosa com os pais há alguns anos, e eles nesse momento, pretendiam devolvê-la aos cuidados do Estado. Esses pais responsabilizavam a adolescente por ingratidão, agressividade, desrespeito, roubo, mentiras. Ela se tornara o estranho/familiar, nos moldes em que Freud escreveu o sinistro, em 1919. Experiência do *unheimlich*, levantando sentimentos ligados ao não reconhecimento dos laços

afetivos, tanto por parte da adolescente que já não se reconhecia fazendo parte daquela família, seja pelos pais, que já não encontravam os traços dos laços simbólicos da filiação, e até mesmo na analista, em seu desconcerto e sentimentos contratransferenciais de angústia levantada pelo caso.

Os pais diziam com muita hostilidade que *“ela teria que mudar muito para poder voltar para casa”*. Esse “muito” tornava-se “um pouquinho mais ainda”, quando se percebia inícios de mudanças nela, a partir do atendimento com os pais. Expressões do sofrimento narcísico identitário, como refere Roussillon (2012). O narcisismo exacerbado desses pais, construído em bases frágeis, trazia inúmeras demandas para que a filha correspondesse fielmente as suas expectativas, configurando uma indiscriminação sujeito-objeto, e sem consideração da necessária alteridade. A adolescente resistia, com sua agressividade, a se encaixar nos padrões exigentes do modelo imposto pelos pais, por não aceitarem dela, menos que a imensa gratidão pelos investimentos feitos nela. A adoção da adolescente ocorrera quando ela contava 5 anos de idade, e fora realizada, segundo afirmação dos adotantes, de forma rápida e um tanto inesperada, sob a principal motivação de cunho altruísta, em que o sentimento de gratidão passa a ser uma expectativa constante dos pais. (Ghirardi, 2015). A educação de alto padrão, viagens internacionais, roupas de marca, tornaram-se ícones numa relação construída na vigência de uma dependência mútua. Na saída de um dos elementos, o risco é de um desmoronamento (narcísico) do Eu. O pai se queixava que ela lhe decepcionara muito e já não lhe trazia *“aquele orgulho que sentia ao levá-la desde pequena no ambiente de seu trabalho e mostrá-la aos colegas...”*. Ela agora se tatuava a contragosto dele, usava cabelos curtos e se dizia “bissexual”, despertando nele sentimentos de vergonha e decepção. Com um funcionamento bastante racional, dizia-se seguro sobre a devolução da filha, uma vez que não via mais nele e também nela, o sentimento amoroso que sustentava aquela filiação. A mãe vivia uma imensa ambivalência: investimentos e cuidados e, também, um ódio imenso ligado à percepção da alteridade do objeto. A filha rompera com uma fantasia de união indissolúvel, que sustentava seu frágil narcisismo. E a adolescente?

A adolescente surge no consultório trazendo imensa necessidade de saber mais informações sobre suas origens. A história vivida com a família biológica, enigmática e desconhecida, trazia inúmeras complexidades. Envoltas por temores diante das revelações necessárias, trouxe muitas dificuldades para os pais, tornando-se para ela um enigma intransponível. Ela requisitava incessantemente mais informações aos pais, sem que eles pudessem encontrar formas de ajudá-la a metabolizar as marcas da relação com os objetos primários. Naquele momento, seu comportamento caracterizava-se, sobretudo, pela descarga de uma agressividade crescente, pelo uso de drogas, pela evasão escolar, e também por uma vivência depressiva, descuido com o próprio corpo e de atitudes antissociais.

Várias eram as ocorrências policiais nas quais estava envolvida. Por outro lado, surpreendia-me seu bom nível de conhecimentos e cultura. Falava vários

idiomas, havia praticado vários esportes, viajava com os pais por diversos países e adquirira boas apreensões dessas experiências, mas essas acabaram ficando gradativamente enterradas ao lado do enigma de suas origens. Encriptadas, no entendimento de Abraham e Torok, (1995), em cujo núcleo melancólico a adolescente mergulhava como em um “salto livre”. Já não podia fazer uso dessas experiências. Medicada, obesa, melancólica, mal saía da cama.

Quando chegou para atendimento, trazia um misto de descrédito e curiosidade esperançosa. Com ela, trabalhamos muito, amiúde utilizando os objetos intermediários como o álbum de fotografias, com o intuito de criar narrativas possíveis sobre as origens (Ghirardi, 2015). Desenvolvi também um trabalho inicial com vistas a auxiliar os pais na elaboração de um relato mais específico sobre as origens, e as origens da adoção, uma vez que a adolescente precisava, a meu ver, criar narrativas sobre o vivido, o que propiciaria a criação da experiência.

Começamos a elaboração de um álbum de fotografias, com a participação ativa da adolescente, a partir de fotos que ela possuía desde os tempos ‘primevos’ da vida no abrigo, quando ela ainda era muito pequena, prévio a adoção. Ela começou então a utilizar a companhia da mãe para selecionar as fotos, as trazia para as sessões e, apesar das dores que sentia ao entrar em contato com elas, podíamos dar nome aos sentimentos, relacionar temporalmente os fatos com as experiências, ‘descartar algumas’, lembrar outras, ampliando assim, muito gradativamente, o mundo representacional. Aos poucos, ela retomava o interesse pela leitura e pelos livros, por meio de meus próprios livros colocados na sala da análise.

Em certo momento da análise, quando havia mais possibilidade de haver espaços psíquicos disponíveis, pedia alguma coisa para ler, uma vez que no abrigo não havia livros que a interessavam, e eu emprestava alguns romances sobre a experiência de crianças e adolescentes com a adoção. Após a leitura do livro conversávamos, ampliando assuntos, instalando novas representações para velhos enigmas. Brotos de simbolização puderam aparecer. Comemoramos certa vez quando ela relata estar em casa com os pais, em uma das visitas de re- aproximação entre eles, quando surge o assunto sobre *quem tinha sido o Freud, quem seria a mãe de Freud e como ela teria sido como mãe...*

\*\*\*\*\*

A clínica dos casos ligados à “devolução”, frequentemente se impõe para além dos limites do consultório e nos convoca de maneira muito especial, por demandar intervenções atravessadas por outras pessoas e outras instituições. Dessa forma, a *escuta* poderá se expandir para âmbitos diversos como o judiciário, a rede pública de apoio e assistência social e a instituição abrigo, abarcando instâncias que, supostamente, trabalham numa dimensão multidisciplinar. O atendimento clínico em si, levanta intensas experiências subjetivas diante das quais o analista se vê convocado, às vezes desconcertado, contra-transferencialmente assombrado.

Diante de tantas demandas, o analista pode se ver ou se sentir ele mesmo intoxicado, comprometendo a acuidade da escuta. É quando o trabalho compartilhado com outros profissionais pode ser fundamental para a sobrevivência não apenas da escuta, como do próprio analista. Mas, no que consiste a sobrevivência do analista? Certamente trata-se de uma sobrevivência subjetiva, da sobrevivência do objeto (analista) pela subjetividade do sujeito, de uma sobrevivência a partir, e *na* experiência, dos afetos do sujeito. Manter-se vivo é manter-se criativo, dando-se a conhecer como outro-sujeito, num campo de alteridade. Assim, o destino da destrutividade terá então um encaminhamento conforme o grau de sobrevivência do objeto (analista), podendo emanar daí as palavras necessárias para a subversão do ato, e a metaforização do sofrimento.

## Bibliografia

- Abraham & Torok. (1995). *A Casca e o Núcleo*. São Paulo: Escuta.
- Bleger, J. (1977). *Simbiose e ambiguidade*. Rio de Janeiro: Martins fontes.
- Brun, A.; Chouvier, B.; Roussillon, R. (2013). *Manuel de Mediations Therapeutiques*, Paris: Dunod.
- Freud, S. (1919). O Inquietante. In.: *Obras Completas*, vol.14, São Paulo: Cia das Letras, 2010. Trad. Paulo César de Souza
- Ghirardi, M.L.A.M. & Peiter, C. (2018). Cinema e adoção: promovendo reflexões sobre o projeto de adotar. In.: Levinzon, G.K & Lisondo, A. D. *Adoção – desafios da contemporaneidade*. São Paulo: Blucher.
- Ghirardi, M.L.A.M. (2015). *Devolução de crianças adotadas – um estudo psicanalítico*. São Paulo: Primavera.
- Ghirardi, M.L.A.M. (2018). Origens pessoais e revelação na adoção de crianças e adolescentes. In: Ghirardi & Ferreira. *Laços e Rupturas – leituras psicanalíticas sobre adoção e o acolhimento institucional*. São Paulo: Escuta, 2a ed.
- Green, A. (1988). O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In A. Green *Sobre a Loucura Pessoal*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1975).
- Green, A. (1988). O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In, A. Green. *Sobre a Loucura Pessoal*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1977).
- Green, A. (1988). A mãe morta. In A. Green, *Sobre a Loucura Pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minerbo, M. (2012). *Transferência e contratransferência*. São Paulo: Person.
- Roussillon, R. (1999). Traumatismo primário, clivagem e ligações primárias. In R. Roussillon. *Agonie, Clivage et Symbolisation*. Press Universitaires de France. (Tradução livre de Rosa Albé – apostilado).
- Roussillon, R. (2012). As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. *ALTER- Revista de Estudos Psicanalíticos*, 30(1), p.7-32.

- Roussilon, R. (2006). *A Linguagem do Enquadre*. Trabalho não publicado, apresentado no Colóquio SPP – 80o aniversário, Mutualité, Paris
- Roussilon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher.
- Peiter, C. (2011). *Adoção: Vínculos e Rupturas: do abrigo à família adotiva*. São Paulo: Zagodoni.
- Vacheret, C. (2008). A Fotolingagem: um método grupal com perspectiva terapêutica ou formativa. *Psicologia teoria e prática*, 10(2):180-191.
- Winnicott, D.W. (1951). *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D.W. (2002). A tendência anti-social. In: Winnicott, D.W, *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1956)
- Winnicott, D.W. (2002) A Ausência de um sentimento de culpa. In: D.W. Winnicott, *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971a).